

## VIII – 1982

Fernando Henrique Cardoso  
Eduardo P. Graeff (org.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CARDOSO, FH. GRAEFF, EP., org. 1982. In: *Perspectivas: Fernando Henrique Cardoso: idéias e atuação política* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, pp. 87-99. ISBN: 978-85-99662-67-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## VIII 1982

### FRAUDE PATRIÓTICA<sup>43</sup>

Na Argentina, depois que o general Uriburu derrubou o governo constitucional de Hipólito Yrigoyen, em 1930, o novo regime tentou “legitimar-se” pelos anos afora. Até a crise de 1943 e a ascensão de Perón, o país vizinho viveu às turras com a questão que os donos do poder tinham que enfrentar: como ganhar as eleições estando a maioria do eleitorado na oposição? A resposta encontrada foi: fraudando. Fraude que os reacionários qualificaram de “patriótica”. Sem comentários.

No plano econômico e social outras tantas aberrações foram sendo usadas como expediente para espoliar o povo argentino. Os historiadores não tiveram dúvida em qualificar a década de 1930 como “a década infame”. O adjetivo é o mínimo que cabe para cobrar os massacres dos operários, as mil e uma manobras adotadas pelos governos militares para esbulhar o povo e garantir os interesses da oligarquia.

Será 1980 uma nova década infame? Só que agora — além da Argentina, do Chile e do Uruguai, que continuam mergulhados no arbítrio — somam-se a Polônia, onde o exército substituiu a ditadura do Partido (moribunda) pela, mais eficaz, da espada, e o Brasil, onde a ditadura quer manter-se através do Congresso.

Que outro nome dar senão o de “fraude impatriótica” ao “pacotão”, às inelegibilidades, às ameaças ao PP para evitar a incorporação no PMDB, ao rolo compressor do PDS armado para esmagar as cabeças de todos, a começar pelos deputados do próprio partido do governo que estão cometendo um suicídio político?

Importa pouco, a esta altura, a aritmética eleitoral. Achincalha-se hoje, mais do que o resultado eleitoral, a crença nesta abertura de meia sola. E a oligarquia no poder (serão mais de dez pessoas?) usa o nome das Forças Armadas, apela a argumentos relativos ao interesse nacional, fala em democracia, acusa gregos e troianos de radicais, apenas para manter o controle do colégio eleitoral que escolherá o Presidente em 1984 e para assegurar que as pepineiras, as mordomias, as mamatas, os juros altos, os salários baixos, o leilão da soberania nacional, o pires de pedinte do ministro da dívida externa, enfim, toda a parafernália desta infâmia que aí está continue por mais uma década.

Como ocorreu com a Argentina da fraude patriótica e da década infame, fechadas as portas ao bom senso, à decência e à negociação limpa, será que o Brasil de 1980 desaguará no inglório fim dos condestáveis do regime quando a sociedade vomitar tudo isto e proclamar sua força e sua autonomia?

Não vêem os generais brasileiros até que ponto pode levar a sede de poder de um pequeno grupo que fala em seu nome e abusa do arbítrio com o propósito único e exclusivo de manter-se no poder e de usá-lo seguindo um Maquiavel senil que, ao invés de fazer todo o mal de uma só vez para ir recompondo a confiança pela distribuição gradativa de benesses (como pregava o florentino), faz o mal todo o tempo, aos poucos se não houver outro jeito e maciçamente sempre que possível?

### PERIGO À VISTA<sup>44</sup>

A partir da rejeição pelo Congresso do “pacotão” da Previdência e das sub-legendas, o governo entrou em vôo cego sem radar. A liberalização proposta desde o governo Geisel e implementada pela dupla Golbery-Portela está de pé quebrado. O “pacotão” eleitoral só agravou a crise. Esta, que antes era palaciana, tornou-se também do PDS. O decreto-lei impondo a reforma da Previdência não serve de consolo: prevê novos recursos, mas não estanca os gastos e joga ainda mais o eleitorado contra o governo.

As tentativas que se fazem agora de atropelar a incorporação do PP ao PMDB vão na mesma linha: com ou sem emenda Badaró, politicamente o PP já optou por sua reintegração à frente democrática. É

<sup>43</sup> *Folha de São Paulo*, 17 de dezembro de 1981.

<sup>44</sup> *Folha de São Paulo*, 14 de janeiro de 1982.

possível que, em função de situações regionais, alguns deputados do PP não venham para o PMDB; alguns militantes do PMDB, inconformados com a transformação do partido em frente eleitoral, buscarão outros caminhos. Nada disto, entretanto, desfaz o fundamental: os equívocos do governo levaram as oposições a reagir taticamente pela incorporação, e a imensa maioria do eleitorado e do País viu nisto um recurso de legítima defesa.

Dito em outras palavras: o PMDB voltou a ser o depositário da fúria anti-governista de que o País está possuído.

Quanto mais o governo manobra para dificultar a vida do PMDB (como no caso da legítima reivindicação de tornar elegíveis os líderes sindicais) mais conspurca sua imagem perante a sociedade. É necessário, sim, que Lula e os demais sindicalistas sejam elegíveis: caberá a eles, na prática, mostrar que, apesar de serem considerados pelo governo como “massa de manobra”, não o são e não cairão na armadilha de fazer o papel sujo que o governo espera, atacando o PMDB.

Adianta ainda menos que governadores e prefeitos biônicos pretendam dizer quem é “bom de administração” na oposição. É ridícula a postura dos que falam como “administradores experimentados”: o povo está farto precisamente dos desmandos, da corrupção e da prepotência dos que envelheceram prematuramente no gozo de privilégios do oficialismo. É contra estes que sopra o vento renovador do eleitorado: que venham pessoas descomprometidas com tanto desmando, sem “experiências” de corrupção.

Fosse só este o diagnóstico e não haveria perigo, mas certeza. Não há mágica que transforme 30% em parte maior do que 70%, e é este o resultado das pesquisas eleitorais; o PDS, com manobras ou sem manobras, mesmo somado ao PTB, não passa de um terço do eleitorado.

É por isto que há perigo à vista: no desespero, os donos do poder tratam de convencer os militares e o País de que existe “radicalização” e “confronto”. Como se não vivêssemos hoje época diferente dos anos 60 e 70. Como se a oposição, hoje, fosse principalmente ao “sistema” ou mesmo ao “regime”. Os 70% que esperneiam, fazendo contra este governo, contra este PDS. E a linguagem da oposição, durante a campanha, será menos a de crítica genérica ao autoritarismo e mais de crítica ao preço do feijão com arroz que não pára de subir, ao aluguel que aumenta, aos impostos incessantes e à corrupção sem freios.

Não há razão para as Forças Armadas assumirem o ônus de uma dívida com a nação que não é a delas, mas da oligarquia que ocupa o poder. Para evitar este perigo — o da oligarquia enganar as Forças Armadas e o país — é necessário vigilância e ação das oposições. Coerente. Firme. Responsável. Para que se chegue às eleições e para que o país sinta que os ganhadores governarão com competência em favor do povo e do país.

## **FRENTE ELEITORAL DE OPOSIÇÃO<sup>45</sup>**

Em política, não basta querer. É preciso poder. Muita energia se despendeu para mobilizar os novos partidos. O PP, glamoroso, parecia ser o barco seguro do setor mais ilustrado da burguesia liberal e de setores das classes médias educadas. O PMDB pintava como uma possibilidade: não seria, talvez, o partido puro dos sonhos de muitos; nascera do berço esplêndido da oposição ao regime mais do que do impulso de movimentos sociais, mas apurava no rumo de um partido democrático de massas.

Assim foi, e até com garbo: a decisão de não aceitar o janismo deu força àqueles que viam o PMDB no caminho de fortalecer-se como partido.

Ninguém, conhecedor dos meandros da sociedade, imaginava que o caráter de partido, no caso, equivaleria à inexistência de correntes internas de opinião. No limite elas poderiam ser — e eram — até conflitantes. Nem se imaginava que o caráter classista predominasse com exclusividade. Mas, em que sociedade moderna existem partidos democráticos, mesmo socialistas (e até alguns comunistas) que sejam exclusivamente de uma classe? A pitada de modernidade do PMDB não estaria precisamente no policlassismo e na capacidade de conviver com movimentos sociais sem ser canal exclusivo deles?

Hoje, feita a incorporação do PP no PMDB, estas cogitações parecem anacrônicas. A nau pepista encalhou no “pacotão” eleitoral e não teve outro jeito senão buscar o calado de uma aliança com o PMDB.

---

<sup>45</sup> *Folha de São Paulo*, 18 de fevereiro de 1982.

Formou-se, de novo, a frente eleitoral contra o governo.

Não houve, contudo, uma volta a 1978. Hoje a frente é contra uma oligarquia desgasta da, dividida internamente pelo problema da sucessão, isolada, em parte, de sua base anterior de apoio, tanto no mundo dos negócios como nas Forças Armadas. A batalha eleitoral que se travará será contra este arremedo de Sistema: contra a corrupção eleitoral, contra o personalismo prepotente dos Maluf e Antônio Carlos, contra a volúpia de poder dos pequenos grupos encastelados no Estado.

Só que há a circunstância: a luta eleitoral trava-se num ano de queda do PIB, de desemprego, de expansão dos meios de pagamento apesar dos esforços recessivos, de dívida externa galopante e de projetos econômicos grandiosos, mal formulados e parcialmente fracassados.

Ou seja, se não deu para assegurar nestes dois anos de pluripartidarismo partidos de verdade (salvo, talvez, o PT: a ver nas eleições), tornou-se mais evidente, pelo menos, que os donos do poder (estes sim) são guerreiros cansados. E politicamente sem rumo.

Não constato isso como quem se rejubila. A falta de rumo dos poderosos, sem que haja de fato alternância à vista, mais complica do que ajuda. Este é o enigma do PMDB — frente diante do Regime-armadilha. Será preciso, daqui para diante, assentar as bases para o “segundo lance”, para o depois das eleições. Para cumprir seu papel na reconstrução democrática o PMDB-frente não pode voltar a ser a geléia geral em que o MDB antigo quase se transformou, como no caso dos adesistas de São Paulo.

Será preciso dar individualidade às partes componentes da ampla frente eleitoral formada de novo pelo PMDB. Que não se peça aos pepistas que se desfigurem no lusco-fusco do oposicionismo genérico para esconderem suas divergências contra o “radicalismo”. Que não se peça aos socialistas do PMDB que renunciem à sua plataforma de modificações estruturais nem que calem a crítica ao sufoco imposto ao País pelos desmandos financeiros e pela forma oligopólica de nossa economia. Caminharemos juntos em novembro. Não aprofundaremos divergências que sirvam de brecha para que o adversário se preserve. Mas teremos que manter a autonomia de nossos princípios.

O ranço autoritário que dominou o governo Figueiredo impediu que o pluripartidarismo florescesse. Cabe agora às oposições evitar que no processo de luta contra este estado de coisas e na eventualidade de vitórias eleitorais importantes (mesmo parciais) o ranço da intolerância e do sectarismo impeça que a diversidade democrática se instaure. Desta vez ela não surgirá como manobra divisionista do governo, mas como conquista efetiva de uma sociedade cansada de conformismos e de consensos de fachada.

## POPULISMO ELETRÔNICO<sup>46</sup>

Até há poucos anos não se imaginaria que a transformação do regime autoritário brasileiro nesta desajeitada abertura poderia dar lugar a novos populismos. Hoje, só quem não olha à volta deixa de temê-los.

Estamos assistindo a um esforço imenso do governo para apropriar-se das palavras de ordem das oposições. Não há dia em que o general Figueiredo — perdão, o presidente João — deixe de manifestar com energia e a seu modo (rebetando, estendendo a mão, indignando-se, vestindo a camiseta do PDS, coitado) o amor pela democracia. Nos palanques de comícios bem-orquestrados, ele vitupera contra os inimigos da democracia (os partidos de oposição e em especial o PMDB), contra os revanchistas, contra os que muito falam e pouco fazem. Houve, assim, um *changer des dames* inesperado. O povo tem agora, na retórica oficial, novos amigos: os algozes de ontem, os do arrocho salarial e do arbítrio.

Ainda assim, houve um avanço. Se os donos do poder falam agora a linguagem que até ontem era a de seus adversários é porque têm de conceder para evitar a derrota nas eleições. E em política a palavra, ao contrário do que se apregoa, tem custo. Algo de tangível tem de ser dado aos eleitores: creches, carteiras novas de casa própria nas Caixas Econômicas, manutenção de reajuste semestral apesar da discordância dos empresários e assim por diante.

De certa maneira, portanto, o País foi deglutindo o autoritarismo, quebrando-o e obrigando os donos do poder a uma mudança de estilo na política.

---

<sup>46</sup> *Folha de São Paulo*, 29 de abril de 1982.

Aproximamo-nos agora de um ponto perigoso. O governo, PDS a reboque, dispõe de recursos — do próprio contribuinte, é claro — para abusar da manipulação eleitoreira. E não peja isso.

Aqui em São Paulo o Dr. Maluf está inaugurando o populismo eletrônico. Esse custa caro aos cofres públicos, atinge muita gente e não concede quase nada ao povo. Ao invés do velho populismo clientelístico que dava empregos e concedia benesses, o populismo eletrônico dá propaganda. Basta inaugurar meia dúzia de praças e postes de iluminação, agitar cheques do Banespa em palanques de cidadezinhas do interior (como se fossem os pedaços de bacalhau que o Chacrinha atirava às platéias) e depois entrevistar adeptos da política oficial como se fossem populares — tudo pela TV — para criar o clima do “nem rouba e faz”.

Diante disso, o histrionismo janista é bicicleta competindo com avião a jato, e a mobilização direta nos comícios é carro de boi querendo ganhar de automóvel.

É este o desafio que as oposições enfrentarão na campanha eleitoral. Ou elas rompem o monopólio que o PDS tem na TV e criam, paralelamente, formas de arregimentação mais afins com uma sociedade urbana e de massas, ou competirão melancolicamente entre si para ver quem faz melhor o que se fazia noutras épocas para ganhar eleições.

Enquanto isso, o PDS vai correndo por fora da raia, montado num cavalo alimentado às custas de todos.

## O SOL E A PENEIRA<sup>47</sup>

O saber e a vontade de poder não são coincidentes. No dia-a-dia, o conflito é suportável; em momentos cruciais, entretanto, pode produzir curto-circuito. Esse tipo de tensão é inescapável. Melhor, portanto, assumi-la do que tentar escamoteá-la. Acaba de ser publicado um livro sobre o chaguismo (Eli Diniz, *Voto e máquina política*), a respeito do qual valem as considerações acima. Ao estudar a generalização da prática de favores, a autora mostra como o clientelismo chaguista mina pela base a democracia. Esta requer partidos abertos à militância e sem controles oligárquicos, independência entre os poderes, valorização das questões políticas gerais, regulamentação objetiva de direitos e acesso aberto e equitativo às benesses do Estado e da sociedade. Nada disso pode coexistir com o chaguismo.

A alguns pode parecer “inoportuno” um estudo sobre o chaguismo no exato momento em que o “mal maior”, a Sra. Sandra Cavalcanti, ameaça levar de roldão o PMDB, envolto na trama do chaguismo depois da fusão com o PP. Não penso assim. Nem penso que o apoio ao candidato do PMDB no Rio requeira, para ser justificado, que se tape o sol com a peneira.

Em São Paulo, de igual modo, para justificar a diversidade de partidos de oposição, não se deve minimizar os riscos do malufismo, que constitui versão aproximada e moderna do chaguismo. Está se gerando no Estado o que chamei nesta coluna de “populismo eletrônico”. À prática de favores e à corrupção ao velho estilo, deu-se um toque de modernidade. É através da TV que se procura inculcar na massa a imagem de um governo populacheiro e “com finalidade social”.

Sob o impulso do capitalismo triunfante (monopólico, selvagem ou o que se queira, mas triunfante), o malufismo é a cara moderna da dominação tradicional. Ele se insinua com o sorriso larvar da vitória televisiva, aperta as tenazes da pressão da máquina administrativa nos municípios e esbanja favores, comendas e facilidades corruptivas. Nada disso é novo, salvo a escala. E o fato de que o malufismo está fincado na burguesia e encontra eco no povo anestesiado pelo *mass-media*. O empresariado preferiria a liderança esclareci da do Dr. Setúbal (especialmente depois que ele se afastou da liça...). Mas engole, tapando ou não o nariz, dependendo do estômago de cada um, a liderança de Paulo Maluf. E as pesquisas eleitorais mostram que o referido senhor abocanhará votos nas sofridas periferias das grandes cidades.

Reconhecer que o PDS e o malufismo são o inimigo principal não obriga a negar as diferenças e a legitimidade das opções oposicionistas. É ocioso discutir se o PT deveria ou não existir e atuar: ele existe e atua. Seu lugar ao sol não desaparecerá com a cortina de fumaça das palavras. É descabido imaginar que o PMDB não representa um amplo espectro de opiniões oposicionistas socialmente enraizadas. Ele não

---

<sup>47</sup> *Folha de São Paulo*, 16 de junho de 1982.

desaparecerá com a lufada de acusações nem virará partido da ordem ao sabor das críticas.

Conviria olhar para São Paulo com a mesma obstinação pela verdade com que Eli Diniz olhou para o chaguismo. Ao escalpelar o malufismo não resolveremos as angústias da conjuntura eleitoral, mas pelo menos não alinharemos argumentos em nome da ciência para justificar nossas paixões e interesses políticos. Eles não requerem essa artimanha para serem expostos à luz do dia e para serem assumidos abertamente.

## A VOLTA POR CIMA<sup>48</sup>

Já se escreveu muito sobre a convenção do PMDB de domingo passado. Os mais entusiasmados não poupam palavras para reconhecer o caráter democrático do resultado. Mesmo os que são menos entusiasmados registram que “Deus escreve certo por linhas tortas”. Os reparos aos procedimentos não obscurecem o fato político fundamental: prevaleceu a vontade de união e aumentaram muito, por isso mesmo, as chances de êxito nas eleições.

Há anos o PMDB preparava este desfecho. A cada reunião, a cada convenção, todos — candidatos, dirigentes, base partidária — reafirmávamos a necessidade de unir o partido para vencer o autoritarismo.

Então, por que a surpresa?

Possivelmente porque a opinião pública, a direção, o público interno e os próprios candidatos não acreditavam que fosse possível chegar ao que quase todos queriam. O fragor da disputa pré-convenção, o acirramento natural de ânimo entre as facções, a desconfiança com relação aos objetivos e ao procedimento do “outro lado”, tudo enfim, toldava o óbvio: o amadurecimento democrático de uma legenda que vive da metamorfose permanente entre “frente” e “partido”.

A convenção, paradoxalmente, mostrou que essa “frente de oposição”, apesar de suas facções e sem que elas tomassem consciência plena disso, é um partido. A vontade geral se impôs, não sem fricções naturais, a cada um dos setores e dos atores.

É possível que Quércia jamais quisesse ter saído da convenção como vice de Montoro. Este talvez preferisse outro resultado. A Executiva — que desejara ardentemente ter obtido a anuência prévia de Quércia para a vice — terminou moralmente comprometida com Covas, que não queria ser o vice. E a maioria dos convencionais, de início, preferiria a chapa Montoro-Covas. Nada disso impediu que, derrotado Quércia na prévia, o PMDB sentisse a necessidade férrea de cicatrizar feridas, para sair fortalecido. No ardor do diálogo travado entre galeria-convencionais-direção-candidatos houve, portanto, uma reavaliação política autêntica.

No final não estava mais em jogo a questão dos procedimentos. A mudança de candidato estava respaldada pela vontade do partido, que se refez no recinto da convenção. A resistência prolongada a essa vontade seria vista como manobra de cúpula. A tentativa de abri-la poderia deixar rachaduras irreparáveis.

Prevaleceu a razão política. O PMDB deu a volta por cima.

Restam alguns problemas. Para evitar a manipulação das assembleias, tanto pela cúpula, como por caudilhos ou por segmentos das convenções, é necessário que as principais correntes do partido se organizem.

É certo que a semente só prospera quando há campo fértil. Foi o que ocorreu na convenção do PMDB; por isso houve grandeza no resultado.

Ainda assim a maioria do PMDB, composta por militantes e lideranças independentes, deve tirar as conclusões cabíveis. Sem organização para assegurar a capacidade de iniciativa e de resposta, as maiorias podem reduzir-se à condição de meras espectadoras. Só a organização interna dos independentes preservará no futuro a necessária espontaneidade das relações e o equilíbrio democrático dos resultados.

---

<sup>48</sup> *Folha de São Paulo*, 24 de junho de 1982.



## LULA GOVERNADOR?<sup>49</sup>

***O senhor acredita na pesquisa brasileira? Como está vendo estes resultados, especificamente em São Paulo, em relação à posição dos partidos?***

- Há algumas organizações de pesquisas sérias no Brasil. Não quero excluir nenhuma, mas as principais, as últimas pesquisas grandes, que foram feitas pelo Gallup e pelo Ibope, mostram resultados sérios. São duas instituições sérias. O Gallup tem uma amostra afinada. Eles erram. No meu caso por exemplo, em 1978, acharam que eu ia perder da Arena e eu ganhei do candidato ao Senado pela Arena. Mas erram por quê? Porque a margem de erros existe. Quando a pessoa ganha por pouca diferença não dá para detectar. Uma amostra feita para indicar qual é a preferência para governador, não é boa para indicar qual é a preferência para o candidato a deputado. E às vezes, mesmo para senador, há distorção nos resultados. Naturalmente, sai muito caro fazer amostras específicas. De qualquer maneira, acho que são instituições sérias. E não são contraditórias. Agora que saiu a pesquisa do Ibope, todo mundo ficou assustado por causa do número de indecisos. Lendo a metodologia, vê-se como é que foi feita. Fizeram uma pesquisa chamada “menção espontânea”, não deram os nomes dos candidatos. Perguntaram apenas: “Em quem você votaria?” No caso de São Paulo, a última pesquisa do Ibope mostra dois pontos significativos: primeiro que o número de indecisos definido desta maneira, “menção espontânea”, é grande, o que não é novidade. Segundo, mostra que o PMDB tem o dobro do PDS e o triplo do PT. Isto é verdade. A pesquisa do Gallup mostra isto também, com pequenas diferenças. Mas, as pesquisas feitas pelos partidos, como instrumento de propaganda, não podem ser levadas a sério.

***Professor, dentro dessa situação em São Paulo, as Pesquisas mostram que o PMDB está na frente e uma série de analistas e observadores garantem que o PMDB ganha. Levando a coisa mais para o lado da sociologia, sob o aspecto do comportamento da população, o senhor já imaginou o Lula, governador de São Paulo? De repente, ele pode até ser eleito. Vamos pelo lado da hipótese.***

- Não, não pode ser não. O PT não está organizado no Estado de São Paulo todo, não ganha porque o apoio do PT é, basicamente, o apoio da classe média estudantil, de profissionais liberais e de um segmento da classe de trabalhadores metalúrgicos. Mais alguma repercussão via Igreja, Comunidades de Base e setores de massa mais atrasada. O PT não tem condições sociológicas para ganhar, porque ele é muito segmentado, fragmentado e encurralado em setores limitados da população. Isso não é possível. Não porque o Lula seja operário, ao contrário, ele é uma pessoa com uma vivacidade fora de série, eu o conheço, sou seu amigo. É certo que ele não sabe muitas coisas. Mas quem é que sabe tudo? Será que o governador atual sabe alguma coisa? Não creio que saiba. Acho que o Lula sabe mais que ele. Não é por isso que o Lula não pode ser governador. Como pessoa, ele pode ser governador de São Paulo, tem acuidade suficiente para isso. Ele não pode por outras razões, não representa uma força social capaz de governar São Paulo. Como ele não representa essa força social, embananaria tudo. É justamente por isso que não dá credibilidade, e ele terá menos votos do que poderia ter. Se o Lula fosse candidato pelo PMDB, ele estava eleito governador de São Paulo. E governaria o Estado muito bem.

## VOTO DE OPOSIÇÃO<sup>50</sup>

Na Europa os partidos socialistas substituíram os liberal-conservadores onde houve eleições. Desde a França e a Grécia, até recentemente, a Suécia e a Espanha. Parece que os social-democratas e os socialistas despertam mais esperanças como gestores da crise econômica do que os homens do centro-direita e da direita.

Nos Estados Unidos (até à hora em que escrevo esta nota) ocorre algo semelhante, embora com menos nitidez. Os democratas beneficiam-se da confiança popular, na expectativa de pôr um fim à política anti-social de Reagan.

No Brasil, dentro de poucos dias, é provável que a mesma tendência se reflita nas eleições. É claro

<sup>49</sup> Entrevista ao *Jornal de Brasília*, 12 de setembro de 1982.

<sup>50</sup> *Folha de São Paulo*, 4 de novembro de 1982.

que, com o sistema representativo em frangalhos e com uma democracia de meia sola, torna-se mais difícil espelhar pelo voto a vontade popular. Ainda assim, com a vitória do PMDB em vários Estados e eventualmente de outro partido de oposição nalgum Estado, o sinal de que o povo quer mudar reaparecerá nas urnas.

É má política, como vêm fazendo certos setores oposicionistas, tratar de diminuir o impacto democratizante e a vontade de mudança que as eleições terão. Cabe menos insistir — remando contra a maré e contra as evidências — na tecla de agrado pedessista de que PMDB e PDS são farinhas do mesmo saco, do que reconhecer democraticamente que o PMDB se tornou, na presente circunstância, o desaguadouro da insatisfação popular. E por isso vencerá, onde vencer.

Há momentos em que o processo político escapa de apreciações subjetivas e mesmo do sentido concreto, psicológico e sócio-individual dos líderes, para consubstanciar-se na expressão de uma realidade. Não cabe chorar pelo leite derramado: em 19 Estados da Federação, PMDB e PDS somados alcançam 95% das preferências manifestas do eleitorado. No Rio Grande do Sul existe um terceiro partido, o PDT, e ainda assim os dois principais somam mais de 80% das preferências. Em São Paulo, onde o PDS capota, o PMDB sozinho aproxima-se dos 50% dos votos válidos. Apenas no Rio as chances são mais equitativas entre os três principais partidos cariocas.

Não há exagero, portanto, em reafirmar que em geral, no Brasil, o PMDB firmou-se, nestas eleições, como o grande partido de oposição ao que aí está. E é por isso que só ele — com as exceções mencionadas — é depositário da esperança popular.

Culpa do regime? Ou dos demais partidos que não souberam impor-se? Ou, quem sabe, virtude das lideranças peemedebistas que, apesar dos pesares, conseguiram levar o partido até à boca da urna com garra e relativa coesão?

Pouco importa responder. Deixemos ao capricho de cada um, e às suas idiossincrasias e ilusões o gosto da resposta. O que importa é o resultado do processo. Nas eleições que se aproximam, a vez ainda é do PMDB, quando se fala das oposições.

Depois veremos. Mas por enquanto é importante cerrar as fileiras e avançar na direção da brecha democrática que as urnas podem propiciar.

## **BALANÇO ELEITORAL<sup>51</sup>**

### ***Como o senhor interpreta o resultado das eleições?***

- O governo conseguiu uma reação grande no sentido de, de uma maneira ou de outra, tentar legitimar esse processo de abertura que aí está. Isto tem um lado positivo, pois de qualquer maneira estamos tendo eleições, com o presidente Figueiredo se esfalfando para eleger candidatos, o que comprometeu o coração do governo na luta eleitoral. Há um lado negativo. Tudo foi feito dentro de uma regra de jogo muito discutível, a começar pela própria participação do Estado, através de seus representantes máximos, na campanha de um partido, o que é inaceitável. A mobilização dos meios de comunicação de massas também através de um só partido é inaceitável. De forma que estamos numa transição mesmo. Transição da qual eles querem manter o controle. E bem ou mal conseguiram. Tiveram de fazer concessões. Perder São Paulo não é brincadeira. Se perderem Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, significa que houve uma redistribuição do poder no Brasil, embora não executiva.

### ***A estratégia de divisão das oposições deu certo?***

- Acho que funcionou, tanto que se não fosse isso não perderíamos de maneira alguma no Rio Grande do Sul, nem teríamos tantos apertos em outros lugares. Não posso dizer que tenha funcionado completamente, porque houve contra-ataque, houve a fusão do PP ao PMDB. O fato é que a divisão como tal poderia atrapalhar em três lugares, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Em São Paulo não funcionou porque nós ganhamos. No Rio Grande do Sul o Jair Soares só ganhou em função disso, no Rio

---

<sup>51</sup> Entrevista a Emilio Braga, *Jornal de Brasília*, 21 de novembro de 1982.



de Janeiro já não porque, mesmo ganhando Brizola, não funcionou também. Podemos concluir dizendo que funcionou apenas relativamente. Mas de qualquer maneira o importante é que houve um avanço no sentido democratizador, sendo difícil agora parar esse processo. Ele vem diariamente sendo tocado desse jeito, lento, gradual e inseguro, mas bem ou mal vem vindo. Foi formidável ver o empenho do povo em votar bem, votar certo. Dizer hoje que esse povo não está aberto para eleição ou não presta atenção em política é uma loucura.

***Impressionou realmente o descaso com que os eleitores ignoraram os “boqueiros” em São Paulo. O PDS paulista confiava no trabalho de “boca de urna” para virar o resultado e parece que o preparo do eleitor para votar frustrou-lhe os planos.***

- Exatamente. Foi um engano deles. Apostaram nos indecisos e não havia indecisos. Quem lê pesquisa direitinho sabe disso. Eles se iludiram porque fizeram propaganda a respeito dos indecisos e não entenderam o que estava acontecendo. O grande contingente de indecisos que aconteceu foi publicado na pesquisa *Isto É / O Globo*, que era uma pesquisa chamada “de menção espontânea”, ou seja, só se considera o voto decidido enquanto o entrevistado sem ser perguntado dá o nome do candidato. Depois então os pesquisadores apresentavam os candidatos e os entrevistados decidiam por um deles. Então verificou-se que a curva de preferência dos indecisos era equivalente à curva de preferência dos já decididos. Conclui-se que houve um pouco de auto-engano do PDS. Aquele negócio de dizer: “olha, a eleição não está decidida ainda”. O erro deles foi incorporar à própria estratégia algo que se usa apenas como arma de luta. Houve ainda falta de equipe com competência. O pessoal deles que estava fazendo isso é o mesmo que já fez a do PMDB antes, mas fez para nós apenas a parte de propaganda, não estava preparado para montagem de estratégia eleitoral. No final da campanha, o Reinaldo de Barros ficou o tempo todo se dirigindo aos indecisos e simplesmente não falou a ninguém, pois não havia indecisos. Eles tinham na equipe pessoas espertas. Mas um esperto não é um analista político, que é outra coisa. A verdade é que o PMDB fez a coisa com uma equipe de pouca gente aqui em São Paulo, mas gente competente.

***E os efeitos dos resultados eleitorais para o futuro imediato, com relação ao Colégio Eleitoral de 1984, por exemplo?***

- Se forem confirmados os resultados que estão pintando agora eles terão maioria no Colégio Eleitoral. Se tiverem ganho em 13 Estados, multiplicado por seis delegados de cada Estado, terão 78 votos. Nós com nove Estados teremos 54 delegados. Depois tem o pessoal do PTB. O que é essa gente? Quem sabe? Mas eu não digo isso como quem diz: bem, eles ganharam, ponto final. O Colégio Eleitoral funciona de uma maneira fechada quando o regime é forte. Quando o regime não é forte, mesmo se admitindo que eles têm o controle do voto para fechamento de questão, a negociação interna do PDS passa a ser complicadíssima. A briga interna no PDS vai aumentar, não vai diminuir. Porque, se eles vêem que têm a chance de ganhar, só eles, e não nós, e não têm mais uma regra autoritária firme para dizer quem são os que vão ganhar, a briga aumenta. Assim, o argumento de que o Colégio Eleitoral estará controlado pelo governo não diminui a chance de eleição direta. É verdade que estará controlado. Mas controlado por quem? Isso fragmenta, vão haver interesses individuais em conflito. Enquanto que se tivermos uma eleição direta poucos são os que podem afrontar a mesma eleição direta. Sou partidário das eleições diretas, das eleições primárias nas convenções dos partidos, por isso. Quando se fecha a regra do jogo há manipulação e a manipulação é perigosa, porque se você tem medidas ditatoriais você impõe, mas se você não tem a manipulação dá qualquer coisa, como deu em São Paulo o Maluf. Isso não acontece com eleições diretas. É preciso ter certas qualidades para ganhar uma primária num partido, tem que ter certas qualidades para poder ser candidato à Presidência da República de um partido, qualquer que ele seja. Haverá uma seleção de competência muito maior e a emergência de uma liderança autêntica, natural e forte é mais fácil. Veja o caso de São Paulo. Por que o Montoro foi o candidato do PMDB? Por causa disso. Quem além do Montoro podia enfrentar esse eleitorado e ganhar? Ninguém. Isto porque o Montoro é ruim? Não, mas sim porque ele tem competência específica. Por que o Jânio foi candidato, ou o Lula? Agora, quando puseram o Reinaldo já não funcionou o negócio. Não foi tão desastrado do ponto de vista deles, ao menos inicialmente, colocar o Reinaldo. Eles não tinham ninguém, iriam colocar quem? A não ser que pegassem o Laudo, que era de uma área inimiga.

- Uma coisa muito importante que precisa ser pensada é toda a legislação eleitoral, e pensada enquanto está quente. Em primeiro lugar os gastos eleitorais. Não há nenhuma razão para não entrarmos num esquema racional do tipo europeu, em que se tem verbas que vão para os partidos numa proporção razoável e

conforme o número de votos, e que proíbe a utilização de outras verbas que não essas, porque senão temos a corrupção eleitoral mesmo. A “boca de urna” deve ser proibida, e o Montoro tem um projeto neste sentido.

***Será difícil proibir a “boca de urna”, pois é um recurso já tradicional?***

- Eu sei que é tradicional, mas veja a eficácia dela neste momento. Tivemos um derrame de papel inútil. O PDS, dizem, utilizou só no dia da eleição 50 milhões de “santinhos” (modelos de cédula). No conjunto de campanha e de sua propaganda o PMDB usou 150 milhões de impressos. Uma boa parte disso é desperdício que não se justifica. Seria bom fazer uma pesquisa sobre o efeito da “boca de urna” no eleitorado.

***E a Lei Falcão?***

- Parece que já está caindo. Agora, tem que cair a Lei Falcão e tem que também ter um certo sentido de medida. O que houve aqui em São Paulo com os debates foi já o oposto disso. Houve um debate atrás do outro, desgastando os candidatos. Os candidatos não podiam se furtar aos debates porque logo seriam classificados de fujões. E o debate é um falso debate porque se transforma num ataque, por exemplo, como o Jânio fez ao Montoro. Também foram repetitivos, cansando o povo. Quem leu os últimos debates? Não tiveram a menor influência nos resultados, transformando-se apenas num ritual cansativo para os candidatos. Não quero restringir a liberdade de informação, mas isso não é informação, é deformação que se transforma em propaganda. Enfim, teria que se pensar de que maneira assegurar a informação e a participação sem também ser o debate uma máquina de vestibular de candidato. É ridículo que candidatos a governador tenham que se submeter a vestibular a cada hora. Há uma certa insolência em nome da sociedade. A ditadura da ditadura não é só do Estado, não; às vezes setores sociais exercem a ditadura. Todo mundo fala pelo povo, o que é uma coisa profundamente antidemocrática. Que cada um fale por si, pelo que é. Eu estou cansado de ouvir gente falando pela classe operária e que não tem representatividade nenhuma da classe operária. Eu jamais falei por classe operária, nem vou falar, porque eu não sou disso. O fato de ter votos da classe operária não quer dizer que fale pela classe operária, e para falar corretamente não precisa falar pela classe operária, pode falar de outras maneiras.

***O senhor não vai compor a equipe de governo Montoro?***

- Não. Por deliberação minha vou para o Congresso.

***E no Congresso terá um papel de articulação importante, como uma espécie de delegado do novo governo de São Paulo?***

- Sou neófito nisso, vou começar a vida parlamentar pelo Senado. Nunca tive nenhum posto parlamentar e não quero me arrogar a sabedor do que não sei. Vou ter que passar por um período de aprendizado para ver como funciona o Senado, e com bastante humildade nisso. Acho que o Congresso vai ter no ano que vem um papel político maior porque concentrará o debate dos grandes temas nacionais. Espero poder ajudar a articulação do PMDB, tanto mais que terei relações boas com o governo do Estado de São Paulo. Não vou estar no governo de São Paulo, mas terei relações em parte privilegiadas com o governo de São Paulo, com toda a bancada de deputados onde tenho trânsito muito amigável e com os deputados de outros lugares do Brasil também. Assim, uma parte de meu trabalho será realmente este de articulação. Mas articulação para quê? Aí temos os vários temas já mencionados da agenda política brasileira. Por outro lado, há a questão propriamente do PMDB e dos outros partidos. O que vai acontecer com o sistema partidário?

***Aproveito para colocar as críticas que se fazem ao PMDB no sentido de ser uma frente, uma colcha de retalhos e não um partido.***

- O PMDB está no seguinte dilema: ou aprofunda no sentido, por exemplo, do que houve em São Paulo, constituindo-se num corpo mais homogêneo, ou terá dificuldades de enfrentar o futuro. Temos que ter um corpo de idéias simples e aceitas por um grupo bastante grande do partido para que possa ser homogêneo. O PMDB tem. O pessoal repete que não tem, não tem, não tem, mas estão equivocados. Talvez não conheçam a história dos antigos partidos e dos atuais. Mas o PMDB tem um corpo de idéias aceitas universalmente pelos seus militantes. Raramente as pessoas do PMDB discrepam quanto à necessidade da

Constituinte, ou liberdade sindical, enfim, quanto aos temas doutrinários propriamente ditos, quanto à redistribuição de renda, quanto ao “Esperança e Mudança”. Tem um corpo de doutrinas. Tem também um programa.

- O que é preciso que as pessoas entendam é que um partido não é feito de um programa e um corpo de doutrina apenas. Veja que os programas e o corpo de doutrina dos partidos aqui variaram muito pouco, o próprio PDS absorveu as idéias mais ou menos dominantes no momento, redistribuição de renda, direito de greve. O que diferencia os partidos é outra coisa, é a capacidade de colocar questões políticas que sejam identificadas por setores da sociedade como comuns a eles. O PMDB fez isso. Aqui em São Paulo o Montoro tem um plano, uma sugestão de reforma, diz o que vai mudar e até que ponto vai essa mudança. E por isso tem apoio, porque é claro o seu projeto.

- Dizer que o PMDB é uma frente é conversa. Todo partido moderno é uma frente. Como é que nasceu a idéia de partido? Nasceu no século 18 como alguma coisa no Parlamento inglês, que são “cliques” de interesses organizados no Parlamento sem nenhuma correspondência com o resto da sociedade, são clubes quase, clubes parlamentares. O partido moderno — Duverger mostra isso bastante bem são os partidos socialistas, os partidos de cunho trabalhista europeus e depois comunistas. E aí há a reação dos partidos burgueses que também se transformam em partidos de massa, quando se abre a filiação, a militância à sociedade. Temos dois modelos nessa época: esse partido e o partido de vanguarda, que quer fazer a revolução, que pensa que ele contém em si o germe de todo futuro possível e vai reformar a sociedade, tipo bolchevique. Mesmo os partidos do tipo bolchevique, no século 20, mudaram, passaram a ser partidos de massa — uns melhores, outros piores. O italiano se saiu bem, foi o que mais cresceu. O que ele faz quando vira partido de massas? Fica heterogêneo, tem marxista, tem católico, tem agnóstico, tem rico, tem pobre. Isto é condição de poder na sociedade moderna, que não é uma sociedade que se fragmenta em blocos homogêneos e contrapostos, como era no século 19. A própria classe operária, estrito senso, diminuiu relativamente, continua diminuindo fortemente nos Estados Unidos, onde o mesmo número de operários industriais de 1900 existe hoje. Na Europa também, esse processo demorou mais porque ela tem uma classe operária de outro tipo e hoje começa a diminuir também, enquanto outros segmentos aumentam, que não são a pequena burguesia, é outra coisa, são empregados de grande empresa estatal ou privada. A maioria da população hoje é isso, empregados de colarinho branco que não põem a mão na linha de produção. Diminuiu muito o número de gente que trabalha nela.

- Neste tipo de sociedade as questões não se colocam somente a partir das relações de classes. Elas existem, estão aí, mas as classes têm outra conotação e os partidos recolhem dentro de si segmentos de várias classes. O partido comunista francês faz isso, é heterogêneo, tem doutrinariamente desde marxistas até liberais. O espanhol também. O *Labor Party* inglês nem se fala — trotskistas, liberais, sindicalistas, capitalistas, tudo misturado. Agora, quando se chega nos Estados Unidos, sempre foi assim. Na Europa não foi, eles vêm chegando a esse ponto, de um partido mais heterogêneo, quando entra massa passa a ser mais heterogêneo, há grandes interesses diversificados. São partidos ônibus, onde cabe tudo. Nos Estados Unidos sempre foi assim, tanto o partido Democrata quanto o Republicano são frentes.

- Então, a discussão se são frentes ou são partidos é uma discussão inadequada. O problema é da natureza da frente. Ela tem capacidade de num certo momento seguir uma orientação? Ela tem lideranças? É uma frente capaz de responder ao desafio dado pela sociedade? Os setores importantes, mais ou menos estáveis, se identificam com essa frente?

### ***O PMDB hoje tem tudo isso?***

- O PMDB começou a ser partido neste sentido foi com o antigo MDB em 1974, quando houve o identificação entre pobre e MDB. Não foi entre libertários e totalitários. Foi entre pobres e MDB, o Bolívar Lamounier tem um estudo sobre isto. Isto não desapareceu, agora, não ficou só dos pobres, ficou pluriclassista. Não é o partido dos ricos, nem o PDS. O PDS tem mais ricos que o PMDB, mas os verdadeiramente ricos ficam encastelados no Estado, passam pelos partidos assim como um gato sobre brasa. O problema é que o PDS em sua política serve aos interesses encastelados no Estado, que são os dos ricos. O PMDB, estando na oposição, não serve ao dos ricos. Tem ricos em seu meio, mas isso não afasta o povo, ao contrário do que uma análise mais sectária levaria a crer.

### ***E o modelo de partido adotado pelo PDT?***

- É uma cópia do modelo socialista europeu. Acho que se pensarmos que o futuro do Brasil é igual ao passado da Europa estaremos incorrendo num erro de avaliação. Na Europa se teve no passado um espectro do partido anarquista, depois comunista, socialista, de centro-esquerda não-marxista, partido radical, radical e centro, um liberal e um reacionário. Pouco a pouco na Europa isso foi se fundindo, confundindo, hoje o partido social-democrático tem um significado muito variável. Pensar que o Brasil à medida que se industrializa e avança vai dar a Europa pode ser errado. Por que não dá Estados Unidos? O capitalismo que está aqui é o monopólio estatizante à “la americana e não à la européia, enquanto na própria Europa hoje os partidos choram as boas épocas do passado e lastimam o fato de que também estão virando partidos de massa sem conteúdo ideológico puro.

Não vejo razões para pensar: eu tenho um partido socialista, coerente, com propósitos socialistas. Fique na universidade, então, a universidade é o lugar onde se pode ter coerência doutrinária. Eu não vou sair da universidade para repetir a universidade num partido. Na universidade você pensa, faz a crítica, a crítica pura, não vinculada a interesses políticos, às forças sociais. O partido não é a força social, é o interesse político, é o poder. Como é que se chega ao poder para modificar?

### ***Este é o mesmo equívoco do PT?***

- O PDT é um partido que para brigar com o PMDB fala que é socialista, mas na verdade é frente. O PDT no Rio de Janeiro, meu Deus, tem uma frente amplíssima, tem Agnaldo Timóteo, Brizola, Darci Ribeiro; no sul tem fazendeiros, é mais próximo de um partido ônibus do que homogêneo. O PT, não. Vem com a pretensão de ser homogêneo, puro e representar os interesses da classe operária. Isso o sectariza. Quando um partido resolve que ele é puro e os outros impuros, tenta convencer as pessoas disso, e quando não consegue, ou mata as pessoas ou as despreza. Como não pode matar, despreza. O que acontece é que o PT vai desprezando, desprezando e vai se isolando. Fica muito inconsistente porque o PT tem uma proposta “revolucionária” e um comportamento — que não pode ser diferente — de cunho eleitoral. Não é nem como o antigo Partido Comunista Brasileiro, que tinha uma proposta revolucionária e não estava na eleição e quando estava dizia que era mera passagem, o partido aliado mero companheiro de rota. O PT não diz isso, não se define. A gente não sabe se ele quer ser realmente um partido de massas no sentido eleitoral ou se quer ser revolucionário. Não sabe se quer fazer a revolução ou ganhar a eleição, e fica nesse ziguezague, que dificulta muito e levou o PT a se estreitar tanto que perdeu bases em São Paulo.

### ***Tem futuro o PT?***

- Só se fizer uma reavaliação muito grande e com mais humildade. E entender o fenômeno que aconteceu. O que discutimos muito inicialmente. Por isso não estou no PT. Queria um partido de características de massa realmente, e que tivesse características de incorporação do que é o setor democrático de esquerda e democrático do PMDB, mais o que é o PDT e o que é o PT. O que ganhou não foi isso. Foi uma idéia de inspiração mais trotskista e de comunidade de bases, que são ambas, por razões opostas, limitativas. Uma porque tem consciência revolucionária dos puros, poucos e bons, e outra, que tem consciência de base, mas achando que é preciso remodelar o mundo sem o Estado, na base de que na luz do dia-a-dia a comunidade se refaz. São duas versões de utopia, uma regressiva e outra prospectiva, que é a trotskista; antagônicas, mas ambas não permitindo o crescimento de um partido de massas. Acho que é difícil, se o PT não refizer seus caminhos, chegar a alguma coisa.

- Os trabalhadores não aceitam essa postura. O que faltou ao PT em São Bernardo. São Bernardo inteiro conhece o Lula. Também não é que os paulistas não sabem o que é o PT. A proposta do PT foi buzizada mais do que qualquer outra, neste país e no mundo, porque o PT tem boa máquina de propaganda entre os intelectuais. Mas foi ficando um partido ecológico, que é expressivo, mas não agrega interesses. Quer dar um sinal, um testemunho da sua presença. Bonito eticamente, mas não entra no quadro real do jogo de poder. Para ter um comportamento ético vai para um convento e não para um partido. E os conventos modernos já não são nem assim, eles querem mudar o mundo também. Se quer mudar o mundo tem que levar em consideração a correlação de forças. Ganhar o outro e não repelir o outro, dizendo você pecou, você foi da Arena. Não pode, não dá para crescer como partido assim, tem que ter outra postura. E a turma do PT tem que analisar o que aconteceu com seu eleitorado. Quem votou no PT? Não digo isso para criticar. É bom

que a classe média tenha uma posição avançada. Mas se a classe média não se une ao povão ela não vai para a frente. O PMDB permite à classe média se unir ao povão. O PT isola a classe média na utopia do povão.

- Outra coisa. O PT fez uma análise errada da correlação de forças. Ele imaginou que o PDS não existia, que era um cachorro morto, na expressão do Lula, que não ia pisar num cachorro morto, e por isso batia no PMDB, que não era morto. E PMDB e PDS eram farinha do mesmo saco. Vejam os resultados das eleições. O PDS não é um cachorro morto, é muito forte, está ganhando as eleições no Brasil; é o segundo partido em São Paulo; ganhou em certas áreas importantes. O Jânio está ganhando em duas áreas do ABC. O PMDB não é igual ao PDS, tanto não é que o povo fez a separação e votou no PMDB contra o PDS. Erraram na análise política, que foi subjetivista e idealista, dizendo: “nós somos os bons e esses que estão aí, dizendo que são de oposição, não são, são iguais aos outros”. Pretensiosos e irrealistas.

### ***E voltando ao começo, o quadro partidário será reformulado em função dos resultados eleitorais?***

- Partido que ganha não desagrega. Eu não acredito que o PMDB onde ganhou vá desagregar. O PDS vai desagregar mais, me parece. Onde o PMDB perdeu talvez, em algumas áreas, como Pernambuco; caso não haja recuperação, pode ser que áreas de esquerda sintam-se mal acomodadas e possam buscar outros caminhos. No Rio Grande do Sul, não. Lá todos estão sentindo que quem derrotou o PMDB foi o PDT. Acho que em política a gente não pode ter a pretensão de ditar regras sobre o que vai acontecer. É claro que depois de um resultado desses alguma re-acomodação vai haver.

## **A RESPONSABILIDADE DA VITÓRIA<sup>52</sup>**

Os resultados gerais das eleições no Brasil ainda não são definitivos. Vê-se, não obstante, que houve imenso progresso das oposições. O PMDB leva 5 milhões de votos sobre o PDS. As oposições, somadas, ainda mais. A mancha de votos oposicionistas derrama-se sobre o mapa do Brasil, cobrindo 2/3 de seu território e outro tanto da população. Os suportes do regime — com exceção arrancada a bico de pena do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina — encolheram-se e concentram-se nos bastiões das áreas menos desenvolvidas do País.

Em São Paulo, a vitória do PMDB foi estrondosa. As declarações feitas no final da campanha pelos dirigentes partidários não eram bazófia, nem visavam apenas aliciar os votos indecisos. Partido que se modernizou, o PMDB seguia passo a passo as tendências eleitorais, através das pesquisas de preferência partidária. Atuava respaldado pela informação e orientado por diretrizes políticas simples e claras.

E agora?

Pesam imensas responsabilidades sobre os ombros de Franco Montoro e do PMDB. O eleitorado acreditou na mensagem: é preciso mudar; necessitamos democratizar e reformar a sociedade.

Não há por que desconfiar da capacidade do partido e do governador para implementar as mudanças, nem dos bons propósitos de cumprir o prometido.

Talvez no início — no primeiro ano de governo — o ônus de receber um Estado endividado, com uma situação financeira calamitosa e com o câncer da corrupção enquistado, limite as chances de realização. Não limitará, entretanto, a orientação fundamental, neste aspecto, que há de ser a de sobrepôr a tudo o critério de bem-estar social (principalmente no que diz respeito à expansão do emprego) e o de impor, com o apoio do povo, a moralidade pública. Mais claramente, ainda, não há por que duvidar do avanço democratizador esperado. A descentralização administrativa e o aumento da participação tornam-se, neste aspecto, os indicadores fundamentais do bom caminho. Nas democracias modernas ou se descentraliza ou se torna inviável a participação. Outra não é, neste momento, a preocupação do governo socialista francês, por exemplo.

Por outro lado, no conceito moderno de democracia, não basta a noção — indispensável, contudo — de representação parlamentar e de independência dos poderes. Como contrapeso à força avassaladora do Estado e da burocracia, é preciso incentivar as formas de controle mais diretas a serem exercidas pelos

---

<sup>52</sup> Folha de São Paulo, 25 de novembro de 1982.

cidadãos e pelas comunidades sociais. É insuficiente a noção individualista-liberal de responsabilidade do cidadão, delegada pelo voto. Requerem-se procedimentos que permitam ativar a participação popular.

Será longa a marcha. Mas o PMDB e o governador Montoro (que prega com convicção estes ideais), sem exclusividades ou pretensões de descabida auto-suficiência, têm condições para dar a largada nesta corrida democrática. Esperemos que as correntes renovadoras da sociedade civil e os partidos de oposição, democráticos e socialistas, se unam nesta grandiosa competição para assegurar maiores chances de êxito à experiência política de São Paulo.